

Dívida externa pode ganhar novo interlocutor

Sarney estuda escolha de negociador com os credores, preservando o ministro Funaro

VA. DO BARBOSA



Hart com Sarney: o apoio do mais forte candidato presidencial dos EUA contra o protecionismo

DILZE TEIXEIRA Da Editoria de Política

O presidente José Sarney deverá indicar um novo negociador para a dívida externa junto aos credores. A escolha poderá recair em um dos seguintes nomes: Eliezer Batista, diretor internacional da Vale do Rio Doce, e o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, que vem realizando um competente trabalho junto aos credores.

Marcílio, um diplomata

Marcílio Marques Moreira é um diplomata de carreira que teve praticamente toda sua vida profissional ligada aos temas financeiros. Formado pelo Instituto Rio Branco em 1954, ocupou a Secretaria de Finanças da embaixada brasileira em Washington entre 1957 e 1963, período em que ocupou também as diretorias do Fundo Monetário Internacional e do Banco Interamericano de Desenvolvimento destinadas ao Brasil.

Em 1963 retornou ao País para tornar-se assessor do então ministro da Fazenda, Santiago Dantas, de quem se tornou admirador. Dos cinco livros publicados por Marcílio, dois têm como tema o ex-ministro. Além de diplomata, o embaixador é formado em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro e tem mestrado em Ciência Política pela Georgetown University, de Washington.

Intelectual acatado nos meios acadêmicos, Marcílio Marques Moreira se licenciou da carreira diplomática em 1968 para ocupar a vice-presidência executiva do Unibanco, atividade que acumulou com a de professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro até 1983. Durante o regime autoritário, sempre que teve oportunidade defendeu o retorno ao estado de direito. É considerado um liberal nos meios acadêmicos e financeiros.

Acumulou as funções de vice-presidente do Unibanco com a participação nos conselhos do BNDES, da Copeg e outros órgãos públicos. Teve oportunidade de manifestar de forma

A informação é de uma alta fonte do Governo. Segundo ela, hoje a preocupação mais premente do presidente Sarney é com relação à dívida externa, preocupação que foi agravada pelo que a maioria dos assessores do Palácio do Planalto considera "insucesso" do ministro da Fazenda Dilson Funaro, na última maratona que realizou, recentemente, pelos Estados Unidos, Japão e países da Europa para explicar a moratória brasileira.

Um assessor do presidente Sarney revelou que a

preocupação do Governo é grande, na medida em que os principais credores já fizeram chegar ao Presidente a seguinte posição: querem um novo interlocutor brasileiro para discutir a dívida externa, talvez alguém mais experiente que o ministro Dilson Funaro.

Por esta razão, o Palácio do Planalto está agilizando os estudos para criação do Comitê da Dívida, anunciada pelo próprio Sarney durante a reunião do conselho de Segurança Nacional, no mês passado. O comitê —

que deverá estar criado até o final deste mês — será integrado por representantes do Governo, do Congresso Nacional e do Setor privado.

As atribuições deste comitê será, fundamentalmente, acompanhar as negociações com os credores externos. Mas, na opinião de um importante assessor, além disto terá o mérito de afastar um pouco da arena das negociações o ministro Dilson Funaro, na medida em que outras autoridades estarão envolvidas nas negociações.

Eliezer, nova política

Se o Palácio do Planalto está procurando apenas um negociador para a dívida externa, não poderá contar exatamente com o presidente da Vale do Rio Doce Internacional, Eliezer Batista. O presidente José Sarney já sabe disso — como o sabem outros amigos de Batista, com quem o Executivo tem conversado nas últimas semanas, desde que seu nome voltou ao noticiário econômico.

A posição de Batista é clara: ele entende, do alto de sua experiência internacional, que qualquer negociação externa deve partir do princípio de que o Governo brasileiro garantirá aos credores a execução de uma política econômica interna que viabilize a recuperação do balanço de pagamentos. Caso contrário, não há o que negociar, já que a posição brasileira de suspensão dos pagamentos de juros está em vigor.

Um negociador da dívida externa que não detenha também o comando da política econômica corre o risco de prometer lá fora aquilo que ele mesmo não pode garantir aqui dentro. Por isso é que o sinal emitido pelo Planalto, de que há descontentamento com a condução dos entendimentos com os credores, deve ser entendido nas entrelinhas como um indicativo que o "Ministério da Economia" pode estar mais próximo do que se imagina.

Eliezer Batista entrou para a Vale em 1948 e chegou a presidência em 61. Foi ministro das Minas e



Eliezer

Energia no governo Goulart e sobreviveu à revolução de 1964, dedicando-se à iniciativa privada entre 1964 e 1968, quando fundou a Minerações Brasileiras Reunidas, do empresário Augusto de Azevedo Antunes. Voltou à presidência da Vale em 1979, integrou as atividades mineradoras ao transporte e ampliou as atividades da empresa para a área da celulose, bauxita, fosfato, manganês, alumina. Transformou a empresa na segunda maior exportadora de minério de ferro do mundo.

Eliezer Batista, mineiro de Nova Era, não é um neófito no trato da dívida. Durante a grande crise financeira internacional de 82/83 conseguiu renegociar com certa facilidade as dívidas da CVRD junto aos bancos internacionais, enquanto outros executivos estatais e mesmo ministros suavam a camisa para convencer os bancos credores de que a crise era conjuntural e que suas empresas tinham boa saúde econômica.